



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**A FALAÇÃO ESPORTIVA
(O DISCURSO DA IMPRENSA ESPORTIVA E O ASPECTO MÍTICO DO
FUTEBOL)¹**

José Carlos MARQUES
Doutorando em Jornalismo,
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES – ECA/USP

RESUMO - *Este trabalho procura discutir uma provocação formulada por Umberto Eco, professor e pensador italiano dos mais influentes no final do século XX, segundo o qual o discurso da imprensa esportiva desempenha o papel de uma falsa consciência por força de sua prática alienante e se compra apenas enquanto falação, enquanto discurso tornado fim em si mesmo. Para contrapor essa definição, procura-se mostrar como o esporte assumiu uma presença mítica na sociedade moderna e como o discurso sobre o futebol, no Brasil, assentou-se em uma realidade distinta, contaminando os discursos sociais e políticos e revertendo a lógica estipulada por Umberto Eco.*

Palavras-chave: .

¹ Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



1) A NEGAÇÃO DO DISCURSO ESPORTIVO

O escritor e semiólogo italiano Umberto Eco é, decerto, um dos intelectuais que, desde o final dos anos 60, vem mantendo a maior oposição pública ao futebol, por meio de artigos e críticas singulares. Um dos textos mais contundentes foi publicado em 1969 e intitulado “A falação esportiva”; outro, igualmente perspicaz, foi publicado no *L’Espresso*, em 19 de junho de 1978, com o título “O mundial e suas pompas” (ambos encontram-se reunidos na obra *Viagem na irrealidade cotidiana*, publicada também no Brasil). O segundo texto, aliás, já se inicia com uma nota do autor altamente irônica e provocativa. Nela, Eco adverte os leitores para o fato de que aquele artigo havia sido escrito para a Copa do Mundo de 1978, na Argentina e que, com poucas alterações e mais alguma paixão, ele serviria também para a Copa de 1982, na Espanha: “O encanto do futebol é não sofrer modificações”. Em outro artigo publicado também no *L’Espresso* em 12 de junho de 1990 (ano em que a Copa foi disputada na Itália), Umberto Eco voltava ao tema e dizia que, de fato, não se opunha ao futebol, mas sim ao fanatismo dos torcedores e à infantilidade com que estes se comportavam diante de um espetáculo de entretenimento. Acompanhemos mais de perto, portanto, a “breve teoria do esporte” que Eco estabelece ao analisar o trabalho da imprensa esportiva.

Inicialmente, o esporte para ele é a aberração máxima do discurso fático (aproveitando-se o modelo das funções da linguagem proposto pelo lingüista Roman Jakobson) e, portanto, no limite, a negação de todo o discurso. Umberto Eco, entretanto, absolve a atividade esportiva, apesar de esta ser dominada pela idéia de “desperdício” (em princípio, todo gesto esportivo é “desperdício de energia”). Mas esse desperdício é profundamente saudável, pois é próprio do jogo. O homem, como todo animal, tem necessidade física e psíquica de jogar, e não se pode nem se deve renunciar a esse desperdício lúdico, posto que tal prática significa livrar-se da tirania do trabalho



indispensável.¹ O problema se dá quando o jogo e o aspecto lúdico derivam para a competição, a qual disciplina e neutraliza a força da práxis. O mecanismo competitivo serve, no fundo, para neutralizar a ação, daí que a criação de seres humanos destinados à competição, para Eco, gera uma degeneração do ser humano. Passamos a ter o atleta enquanto monstro; por outro lado, se o esporte é praticado para a saúde, o esporte assistido é a mistificação da saúde.

Até aqui, acompanha-se o percurso já estabelecido classicamente por Johan Huizinga, em sua obra *Homo ludens*, segundo o qual o jogo representa uma entidade autônoma: “O conceito de jogo enquanto tal é de ordem mais elevada do que o de seriedade. Porque a seriedade procura excluir o jogo, ao passo que o jogo pode muito bem incluir a seriedade”.² Para Huizinga, no entanto, o século XIX, com sua exaltação dos fatores econômicos advindos do progresso tecnológico, fez com que o homem perdesse aquela “aura” impregnada de mistério e de mitos que ele cultivara em suas formas mais arcaicas de civilização. O racionalismo e o utilitarismo da época moderna, a par de outras grandes correntes de pensamento do século passado (como o positivismo), eram adversas ao fator lúdico na vida social:

*Jamais se tomou uma época tão a sério, e a cultura deixou de ter alguma coisa a ver com o jogo. As formas exteriores já não se destinavam a criar a aparência, ou a ficção, se se quisesse, de um modo de vida ideal e mais elevado. Não há sintoma mais flagrante da decadência do fator lúdico do que o desaparecimento de todos os aspectos imaginativos, fantasiosos e fantásticos do vestuário masculino após a revolução francesa.*³

¹ Umberto Eco, “A falação esportiva”, em *Viagem na irrealidade cotidiana*, p. 221

² Huizinga, *Homo ludens*, p. 51.

³ Huizinga, *Homo ludens*, p. 213.



Nesse sentido, a prática esportiva, a partir do momento em que se transforma em competição – ou seja, a partir do momento em que se estabelece enquanto normas e se comercializa –, perde o caráter lúdico previsto em sua essência inaugural. Umberto Eco transfere e transpõe essa análise para o discurso da imprensa esportiva tal qual a conhecemos atualmente, e estabelece as categorias do esporte “elevado ao quadrado”, “elevado ao cubo” e “elevado à enésima potência”.

A primeira categoria, a do **esporte elevado ao quadrado**, dá-se quando o jogo, que era praticado em primeira pessoa, passa a ser uma espécie de discurso sobre o jogo, isto é, o jogo passa a ser um espetáculo para os outros. O jogo deixa de ser apenas uma atividade praticada por determinadas pessoas, mas passa a ser visto por meio de sua alteridade – surge a figura do outro, do espectador. O esporte ao quadrado representa, assim, o espetáculo esportivo sobre o qual se exercem especulações e comércios, bolsas e transações, vendas e consumos. Já o **esporte elevado ao cubo** ocorre a partir do momento em que impera o discurso sobre o esporte assistido. Temos aqui, *strictu sensu*, o discurso da imprensa esportiva em primeira instância.

Por último, o **esporte elevado à enésima potência** representa o discurso sobre a imprensa esportiva, ou seja, o componente auto-referencial que a imprensa esportiva demonstra ao autofocar as discussões sobre as práticas esportivas. Aqui, a discussão e o relato não são mais sobre o esporte, mas sim sobre a falação a respeito do esporte. Desse modo, para Eco, o esporte atual é essencialmente um discurso sobre a imprensa esportiva. Se algum evento esportivo não ocorresse, mas fosse contado por meio de imagens fictícias, nada mudaria no sistema esportivo internacional:

Portanto, o esporte como prática não mais existe, ou existe por motivos econômicos (visto que é mais fácil um atleta correr do que inventar um filme com atores que fingem correr): e existe apenas a



*falação sobre a falação do esporte: a falação sobre a falação da imprensa esportiva representa um jogo com todas as suas regras.*⁴

A análise crítica de Eco vai mais além. Segundo o intelectual italiano, a falação sobre a falação esportiva tem todas as aparências do discurso político, só que o objeto não é a “Cidade” (ou seja, o “Estado”), mas o estádio com seus bastidores; essa falação, assim, aparenta ser a paródia do discurso político. Entretanto, como nessa paródia todas as forças que o cidadão tinha para o discurso político acabam se destemperando e disciplinando, a falação esportiva passa a ser ela mesma o sucedâneo do discurso político, a ponto de chegar a ser o próprio discurso político. Daí que o esporte desempenharia o papel de falsa consciência. E mais: a falação sobre o esporte dá a ilusão de que se pratica o esporte; o falante se considera esportista e não percebe mais que não pratica atividade esportiva alguma. A falação, assim, é a possibilidade de compreender tudo sem qualquer apropriação preliminar da coisa. Caímos aqui na função fática de Jakobson (os discursos fáticos são necessários para que a ligação entre os falantes se estabeleça): a falação é o discurso fático tornado fim em si mesmo. A falação esportiva é algo a mais: trata-se de um discurso fático contínuo que se apresenta enganadoramente como o discurso sobre a cidade e seus objetivos:

*Surgida como elevação a enésima potência daquele desperdício inicial (e calculado) que era o jogo esportivo, a falação esportiva é a magnificação do desperdício e por isso o ponto máximo de consumo. Sobre ela e nela o homem da civilização de consumo consome diretamente a si próprio.*⁵

No artigo “O mundial e suas pompas”, Umberto Eco alonga a discussão, ao afirmar que o futebol representa um “espetáculo cósmico sem sentido”, ligado à

⁴ Umberto Eco, “A falação esportiva”, em *Viagem na irrealidade cotidiana*, p. 224.

⁵ Umberto Eco, “A falação esportiva”, em *Viagem na irrealidade cotidiana*, p. 226.



“ausência de senso e à inutilidade das coisas” e incluindo-se naquela categoria de sentimento que ele chama de “irrealidade cotidiana”:

O esporte, entendido como ocasião em que uma pessoa, sem fins lucrativos e empenhando diretamente seu corpo, realiza exercícios físicos em que põe seus músculos a trabalhar, seu sangue em circulação e seus pulmões em plena atividade, o esporte, dizia, é coisa belíssima, ao menos tanto quanto o sexo, a reflexão filosófica e o jogo de azar quando as fichas de apostas são grãos de feijão. Mas o jogo de futebol não tem nada que ver com o esporte assim entendido. Não para os jogadores, que são profissionais submetidos a tensões não diferentes das de um operário da linha de montagem (afora algumas insignificantes diferenças salariais), não para os espectadores, isto é, a maioria.⁶

Assim, a discussão sobre o espetáculo esportivo e sobre a falação a respeito do mesmo espetáculo (incluindo-se aí os jornalistas que falam sobre ele) é o substituto mais fácil da discussão das coisas sérias da vida. A falação esportiva permite, em suma, que os falantes e agentes desse jogo (do qual não se furtam os espectadores, torcedores e leitores de jornais) brinquem de gerir a “Coisa Pública”, só que sem os cuidados, deveres, e dilemas da discussão política:

Em vez de se julgarem os atos do ministro das Finanças (para o que é preciso entender de economia e de outras coisas), discutem-se os atos do treinador; em vez de se criticarem as posições do deputado, critica-se a posição do atleta; em vez de se perguntar (pergunta difícil e obscura) se o ministro fulano assinou ou não pactos ainda mais obscuros com o poder sicrano, pergunta-se se a

⁶ Umberto Eco, “A falação esportiva”, em *Viagem na irrealidade cotidiana*, p. 229.



*partida final ou decisiva terá sido fruto do acaso, da forma atlética, ou de alquimias diplomáticas. O discurso futebolístico requer uma competência não vaga, decerto, mas de uma forma geral, restrita, bem concentrada; permite assumir posições, expressar opiniões, propor soluções sem que ninguém seja detido ou fique por isso exposto.*⁷

Observação semelhante é feita por Lauro Freitas Filho⁸, ao explicitar que a participação popular nos textos sobre esporte publicados nos jornais mantém uma ambigüidade estrutural e nociva: se, por um lado, o leitor realiza o exercício da discussão de sua micro-realidade (mas ligada quase que exclusivamente aos destinos de seu clube ou de determinado jogador), por outro lado ele não percebe que, nesse exercício, está sendo cada vez mais afastado de seu verdadeiro mundo. Para tanto, a pretensa especialização do discurso esportivo não serve senão para ocultar o discurso que realmente importaria – o da contestação econômica ou política da “coisa pública” (termo exaustivamente repetido por Eco):

Hoje, ao lermos uma crônica ou um comentário nos jornais dia seguinte aos jogos, temos a nítida impressão de que a análise está sendo feita por um teórico, um estudioso profundo do assunto, quando são simplesmente jornalistas que as fazem sem que, para isso, tenham tido a necessidade de freqüentar cursos específicos. A linguagem e o nível de complexidade do esporte permite esse tipo de fácil acesso ao seu universo, não fechando as suas portas nem aos informantes (jornalistas) nem aos informados. (...) Ao contrário de outros setores, como a economia e a política, onde não se permite às massas o acesso

⁷ Umberto Eco, “A falação esportiva”, em *Viagem na irrealidade cotidiana*, p. 231.

⁸ “A cobertura esportiva no rádio e no jornal” em *Esporte e poder*.



*aos seus ‘bastidores’, no esporte isso é utilizado quase que de maneira compensatória.*⁹

Assim, infere-se que, à manutenção do *status quo*, interessa que as discussões sobre o esporte ganhem cada vez mais adeptos, já que a contestação do poder político e da “Coisa Pública” é transposta para a esfera das agremiações esportivas, do treinador ou do dirigente. E esse papel ganha contornos espetaculares nas figuras das torcidas organizadas, que, de forma geral, são subsidiadas por diretores de clubes (logo, servem de massa de manobra para qualquer articulação conspiratória), mostram alienação total dos problemas sociais pelos quais o país atravessa e nunca se posicionam contra questões mais sérias do futebol – como a corrupção de federações, clubes e entidades.

Visto por esse ângulo, as considerações de Umberto Eco têm o grande mérito de alertar para o fato de que o esporte elevado à enésima potência (o discurso da imprensa esportiva sobre si mesma) só serve para referendar o sistema vigente. A idéia da alienação, normalmente atribuída aos jornalistas esportivos, sempre esteve ligada a esses profissionais desde o início de suas atividades, no início do século XX, conforme poderemos verificar mais à frente. Por enquanto, depois de tantos ataques e investidas, deixemos que o esporte faça sua defesa, antes que seja condenado perpetuamente à morte. O contraponto que proponho a seguir servirá apenas para que tentemos entender por que o futebol e a imprensa esportiva, sempre tão estigmatizados, mantêm-se vivos há tantas décadas ocupando espaço em jornais, rádios, televisões (e, mais recentemente, na internet) – afinal de contas, ao término de cada rodada é preciso ironizar o rival e saber se o juiz roubou ou não na partida da véspera.

2) A AFIRMAÇÃO DO ESPORTE E SEU DISCURSO

⁹ “A cobertura esportiva no rádio e no jornal” em *Esporte e poder*, p. 55.



Também em 1969, ano em que Umberto Eco escrevia sua “Falação esportiva”, outra obra analisando o esporte era publicada no Brasil pela Editora Perspectiva. Tratava-se do livro *Sociologia do esporte*, de Georges Magnane, em que o autor comentava o descaso de intelectuais franceses para com o esporte e citava um professor da Sorbonne, segundo o qual, “Se a imprensa esportiva tem tantos leitores, é porque é ilegível”. Temos aqui mais uma mostra do preconceito sobre o futebol enraizado no meio acadêmico naquele período. Para aquele mesmo pensador da Sorbonne, não havia problemas no esporte, já que os esportistas sempre preferiram se virar sozinhos. E mesmo os intelectuais com mais boa vontade em relação ao esporte acabavam afastando-se das discussões sobre o tema ou apenas lhe concediam uma olhadela “ora indulgente, ora irritada, àquilo que eles consideram folguedos pueris e desprovidos de todo significado”.¹⁰ Magnane estabelece então a “dialética” das discussões sobre o esporte, analisando o nível de influência que as atividades lúdicas e esportivas adquiriram na sociedade pós-industrial:

*O esporte é um fenômeno social que impregna profundamente a vida cotidiana do homem do século XX (...) Sua presença se impõe não só àqueles que o praticam, àqueles que o organizam ou àqueles que procuram dirigi-lo ou que pretendem fazê-lo, mas ainda àqueles que se dedicam a combatê-lo.*¹¹

A percepção do sociólogo francês é formidável no sentido de verificar que todos os que procuram negar o esporte nada mais fazem do que afirmar a presença deste. O ódio ao futebol não deixa de representar uma demonstração da paixão que se lhe dedica. Magnane vai mais além, ao reconhecer que era precisamente na imprensa que o esporte (“a criança difícil do século”) manifestava a sua presença da maneira mais indiscreta.

¹⁰ Georges Magnane, *Sociologia do esporte*, p. 17.

¹¹ Georges Magnane, *Sociologia do esporte*, p. 16.



Nesse sentido, acreditava ele que maior alienação era ignorar os efeitos e manifestações ligadas ao esporte ao longo de todo o século XX:

*Os representantes do mundo esportivo respondem com insolência e irritação ao desdém do mundo intelectual. Mas acho particularmente irrazoável a atitude do ‘homem de bem’ do século XX que recusa tomar consciência de um fato de civilização tão enormemente visível como o esporte.*¹²

Logo, torna-se difícil ignorar as relações entre cultura de massa e esporte, até porque as condições tecnológicas do início da primeira metade do século XIX e a organização ainda inédita de um novo espaço urbano passaram a exigir uma automação das reações físicas e dos reflexos humanos. Essa nova ordem social, aliada ao progresso e aos avanços tecnológicos, demanda do ser humano um novo comportamento do corpo, uma nova postura que passará cada vez mais a estar relacionada com seu desempenho físico:

*Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.*¹³

Assim, ao lado do surgimento da imprensa e da indústria cultural, vemos no século XIX o aparecimento de diversas modalidades esportivas: o esporte passa a

¹² Georges Magnane, *Sociologia do esporte*, p. 18.

¹³ Nicolau Sevcenko, *Revista USP – Dossiê Futebol*, p. 35.



representar um mecanismo de afirmação dos valores capitalistas básicos, como o individualismo e o igualitarismo. Portanto, não é por mero acaso que o esporte como domínio social e como “indústria” tenha surgido dentro do contexto de surgimento da sociedade de massa. E não é por mero acaso também que diversas modalidades esportivas (notadamente o futebol, mas também o turfe, a luta livre, o boxe, o remo, o tênis e o atletismo) surgiram na Inglaterra, que consolidava o sistema liberal democrático no final do século XIX. Os ingleses aprenderam, assim, a projetar no seu lazer os valores do esporte, ligados ao combate com regras, a obediência aos horários e regulamentos etc. A particularidade do futebol, nesse sentido, está no fato de ser praticado ao ar livre e sobre uma superfície de grama e terra, o que deve causar grande apelo numa sociedade cada vez mais “urbanizada e asfaltizada” das cidades, por conta do fluxo migratório para as metrópoles advindo com a Revolução Industrial: o futebol, assim, ritualiza o mito do surgimento de um mundo agrário e rural cercado pelos muros da metrópole:

Em seu rito, o futebol evoca presenças – terra, sol, vento – de uma originalidade arcaica e de uma história agropastoril, por entre rasgos urbanos: o concreto das arquibancadas, o poder das luzes e, ultimamente, o visgo dos placares eletrônicos. (...) No estádio, a dispersão de vozes cria uma paisagem animada pela necessária multiplicidade da presença coletiva. Essa paisagem é o oposto de uma natureza-morta. Os mídia modernos tentam espelhar – palidamente, quase sempre – essa multiplicidade da vida concentrada através da multiplicação de seus pontos de vista: narração, comentário, entrevista, observações detrás do gol, no caso do rádio; obtenção de



imagens de diferentes ângulos, em câmara lenta, ‘replays’, no caso da televisão. ¹⁴

As aproximações entre discurso mítico e esporte podem ser exploradas com maior intensidade no sentido de se compreender melhor o papel do futebol na sociedade moderna. Roland Barthes, em sua obra *Mitologias*, alarga os horizontes da interpretação mítica, com suas análises de diversos aspectos cotidianos da vida contemporânea francesa (para ele, o mito pode ser visto – e desmitificado – numa luta de catch, no strip-tease, nas propagandas de detergentes e saponáceos, no rosto de Greta Garbo etc.):

*O mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem...(...)
Já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais. Logo tudo pode ser mito?
Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo.* ¹⁵

Segundo Barthes, o mito não é necessariamente uma fala oral, mas pode ser formado por outras representações, como a fotografia, o cinema, a publicidade, os espetáculos e o esporte: todos eles podem servir de suporte à fala mítica. Por se tratar de um sistema semiológico, o mito é também um sistema de valores: mas seu consumidor o lê como sistema de fatos, em que o significante e o significado mantêm relações naturais. Por não se dar conta do sistema semiológico do mito é que o leitor pode consumi-lo inocentemente.

Se atentarmos às definições de outro mitólogo histórico, Mircea Eliade, temos que os ídolos do esporte podem ser vistos como os “Seres Sobrenaturais”, criadores de

¹⁴ Flávio Aguiar, “Notas sobre o futebol como situação dramática”, em *Cultura Brasileira*, p. 162.

¹⁵ Roland Barthes, *Mitologias*, p. 131.



modelos de conduta. Os recordes alcançados pelos atletas, os títulos e as vitórias (e, mais do que isso, sua vontade e obsessão pelas conquistas) os tornam também genitores de uma criação. Podemos ver em certos esportistas o comportamento mítico da obsessão pelo sucesso, algo “tão característico da sociedade moderna, e que traduz o desejo obscuro de transcender os limites da condição humana”¹⁶. Ao entrar em campo, de chuteiras, calção e com a camisa de seu clube, qualquer jogador de futebol parece incorporar uma dimensão mítica. Trata-se, no fundo, da mesma análise feita por Eliade do mito do Superman. Enquanto esse herói dos quadrinhos e do cinema vive uma dupla identidade (os poderes ilimitados de Superman convivem com a figura modesta e terrena do jornalista Clark Kent), os jogadores (e não só eles, mas também artistas, cantores, atletas e outras personalidades públicas) também convivem com o duplo: sua atividade singular enquanto atletas não é a mesma de quando estão fora dos estádios, instante em que se tornam seres comuns, padecedores dos mesmos males inerentes à humanidade. Mas, durante a representação de seu papel, de sua pantomima esportiva, assumem a imagem do ser sobrenatural, não mais pertencente ao mundo vulgar. Daí a relação com o mito do Superman: ambos satisfazem “as nostalgias secretas do homem moderno que, sabendo-se condenado e limitado, sonha revelar-se um dia como uma ‘personalidade excepcional’, um ‘herói’”.¹⁷

Por outro lado, Joseph Campbell proclama que as sociedades que suportaram os mitos já não mais subexistem; nossa civilização ocidental perdeu a noção do mito: o rigor científico, o “telescópio e o microscópio perscrutantes”, nos dizeres de Campbell, assumiram papel preponderante na análise da realidade. Os últimos vestígios da antiga herança humana ligada aos rituais encontram-se em pleno declínio. Campbell vai além

¹⁶ Mircea Eliade, *Aspectos do mito*, p. 156.

¹⁷ Mircea Eliade, *Aspectos do mito*, p. 155.



na análise do herói mítico dos dias de hoje. Para ele, o problema do homem moderno é exatamente oposto ao do homem das sociedades míticas.

A teia onírica do mito ruiu. O fascínio do passado, o cativo da tradição foram abalados com firmes e certos golpes. (...) já não há sociedades do tipo a que os deuses um dia serviram de suporte. A unidade social não é um portador de conteúdo religioso, mas uma organização econômica-política. (...) Naqueles períodos, todo o sentido residia no grupo, nas grandes formas anônimas, e não havia nenhum sentido no indivíduo com a capacidade de se expressar; hoje, não há nenhum sentido no grupo - nenhum sentido no mundo: tudo está no indivíduo.¹⁸

No entanto, se temos a ruína da teia onírica do mito, não é menos verdade que o mito assumiu outras formas para comunicar-se com o homem moderno. Seu lugar foi ocupado, durante muito tempo, pela prosa narrativa, e, mais especificamente, pelo romance, que serviu como substituto à recitação dos mitos e contos nas sociedades tradicionais e populares.¹⁹ Nos dias de hoje, parece claro que o mesmo papel desempenhado pelo romance é ocupado pela mídia e outras manifestações de massa, como o cinema, a televisão, a propaganda e o esporte, tal qual nos mostram as análises de Roland Barthes, cuja extensão da análise mítica vem a ilustrar esse novo comportamento. O sentido dessa exploração permanece, no homem moderno, como herança mítica de seus ancestrais. Afinal, o que explica nossa premente necessidade de diversão, ao buscar momentos de fuga, seja no lazer, na leitura, ou nos espetáculos?

O tempo que se 'vive' quando se lê um romance não é, evidentemente, o mesmo que se reintegra numa sociedade tradicional,

¹⁸ Joseph Campbell, *O herói de mil faces*, p. 372.

¹⁹ Mircea Eliade, *op. cit.*, p. 159.

1 Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



*quando se ouve o mito. Mas, tanto num caso como no outro, ‘sai-se’ do tempo histórico e pessoal e mergulha-se num tempo fabuloso, trans-histórico.*²⁰

Essa definição vale não apenas ao romance, mas também para o indivíduo que hoje vai a um parque de diversões, à exibição de uma peça de teatro ou a um jogo de futebol: busca-se, em última instância, um tempo imaginário, diferente do tempo histórico, perseguidor, que estará à espera desse mesmo indivíduo do lado de fora do parque, na calçada em frente à sala do teatro ou na praça do estádio de futebol, tão logo acabem os espetáculos. Para Eliade, tudo aponta para a insolubilidade desse conflito, para essa revolta contra o tempo histórico:

*Resta saber se este desejo de transcender o seu próprio tempo, pessoal e histórico, e de mergulhar num tempo ‘desconhecido’, seja ele extático ou imaginário, será alguma vez suprimido. Enquanto esse desejo subsistir, podemos dizer que o homem moderno conserva ainda pelo menos certos resíduos de um comportamento mitológico’.*²¹

A superação do tempo histórico (que nos dita ritmos temporais próprios, na vida e no trabalho) por um tempo que liberte “miticamente” o homem de sua realidade é, em suma, a reprodução do universo mítico dos primórdios. É exatamente essa a dimensão que o futebol assume nesta análise. O espectador de televisão, sentado confortavelmente num domingo em sua poltrona para assistir à partida (ou então presente num estádio, acompanhando o movimento dos jogadores), procura antes de qualquer coisa a superação de seu “tempo histórico”. Durante o jogo, na ocasião dos dribles e na comemoração dos gols, a realidade que se cria é outra, nada semelhante ao ritmo cotidiano que esse mesmo espectador leva ao longo dos demais dias da semana. Assim

²⁰ Mircea Eliade, *op. cit.*, p. 160.

²¹ Mircea Eliade, *op. cit.*, p. 160.



como no espetáculo do catch, uma partida de futebol também transforma seus jogadores em deuses.

O fascínio do esporte e do futebol no novo mundo urbano e industrial aponta ainda para a espetacularidade dos eventos esportivos de massa. Assistir a uma partida no estádio, ao vivo, representava e ainda representa, conceitualmente, um espetáculo semelhante ao que se vê nos teatros e salões de ópera ou balé. Em favor do futebol, porém, o fato de que, apesar de representar uma narrativa ritualizada, ele sempre encarna o caráter da imprevisibilidade em sua performance. Uma peça de teatro pode variar a encenação de um dia para outro (em virtude do desempenho de atores, cenografia, direção etc.), mas o *script* é sempre o mesmo e deve ser cumprido. No caso do esporte, ao contrário, nunca se sabe o resultado de antemão. E o futebol, por sua vez, consubstancia-se como a mais imprevisível e imponderável das modalidades esportivas, por força de uma série de contingências e particularidades – como o fato de ser jogado com os pés e de se fazer uso de todo o corpo.²² O dramaturgo Dias Gomes também expressou visão semelhante – a de que no futebol não existe qualquer narrativa elaborada de antemão –, ao fazer breve comentário sobre a participação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1982:

Como dramaturgo, vejo no futebol não apenas uma disputa esportiva, mas sobretudo um espetáculo teatral. Para mim, o campo é um palco e os jogadores 22 atores que vão interpretar uma peça cujos papéis foram apenas delineados mas não escritos. Daí o grande mistério do futebol: uma peça da qual não se sabe o final. Um espetáculo vivente, como o teatro, que acontece naquele momento

²² Em meu estudo já citado, reservo todo um capítulo (“‘Quem é a bola?’- pergunta a grã-fina do Maracanã”) para a discussão desse tema

1 Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



*mesmo e que, ainda que a peça seja a mesma, os atores os mesmos, é sempre diferente.*²³

No Brasil, coube ao antropólogo Roberto da Matta fazer a aproximação mais relevante entre futebol e cultura de massa, por meio de inúmeros estudos (o mais clássico está contido na obra *Carnavais, malandros e heróis*) em que se pretende inaugurar um novo olhar sobre o país. Desde o aparecimento de seus “discursos fundadores”, o Brasil sempre procurou ser pensado a partir de sua alteridade, isto é, fomos vistos continuamente a partir dos olhos europeus (e, mais recentemente, norte-americanos). Daí a importância da historiografia brasileira do século XX, que procurou ver na “mestiçagem” brasileira uma marca singular de construção do caráter nacional (nesse sentido, destacam-se os estudos clássicos realizados por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, entre outros), que tanto vão influenciar os estudos de Roberto da Matta. Para ele, “o futebol seria popular no Brasil porque permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos”²⁴. Assim, a importância desse esporte em nosso país transcenderia a mera esfera do entretenimento, já que estaria incluída no meio da ordem social:

Se, de fato, carnaval, religiosidade e futebol são tão básicos no Brasil, tudo indica que diferentemente de certos países da Europa e América do Norte, nossas fontes de identidade social não são instituições centrais da ordem social, como as leis, a Constituição, o sistema universitário a ordem financeira, etc., mas certas atividades que nos países centrais e dominantes são tomadas como fontes

²³ “O patrulhado Zico”, em *Jornal dos Sports*, 05/07/82, p. 8.

²⁴ Roberto da Matta, “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, em *Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira*, p. 40.



*secundárias e liminares de criação de solidariedade e identidade social. Assim é a música, o relacionamento com os santos e espíritos, a hospitalidade, a amizade, a comensalidade e, naturalmente, o carnaval e o futebol, que permitem ao brasileiro entrar em contato com o permanente de seu mundo social.*²⁵

Daí que a “falação esportiva” e o “esporte elevado à enésima potência” assumem outra dimensão no Brasil, e não apenas a de negação do mundo sério da política e da gerência da “Coisa Pública”. Desse modo, vemos que no Brasil o mundo do futebol acaba contaminando outros discursos, por meio de expressões que passam a ser aproveitadas coloquialmente em outras situações. Roberto da Matta lembra da expressão “ter jogo de cintura”, que circula livremente tanto no campo do futebol como no da política. Mas existem inúmeras outras expressões que, originárias do mundo futebolístico, são incorporadas não só pelo mundo político, como pelo meio social, em sentido amplo. No quadro a seguir, demonstro o sentido denotativo de algumas dessas expressões, partindo do pressuposto de que sua utilização no meio esportivo seja compreendida de antemão:

Expressão	Sentido denotativo
Administrar o resultado	não se arriscar e nem se expor diante de determinada situação
bola murcha	designação dada a indivíduos sem expressão

²⁵ Roberto da Matta, “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, em *Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira*, p. 39.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

chutar e correr para o abraço	ato de fácil execução, cujo resultado seja previamente conhecido
dar bola	dar atenção a alguém, no sentido de flerte ou galanteio
deu zebra	resultado inesperado que contraria a lógica
embolar o meio-de-campo	apor dificuldades a determinada situação
jogar limpo/sujo	atuar (ou não) dentro de regras predeterminadas
jogar na defesa	atuar sem se expor em demasia e com excesso de proteção
jogar para escanteio	descartar a participação de alguém em certa atividade
Marcação cerrada	vigilância constante de alguém sobre os atos de outrem
estar na marca do pênalti	indivíduo que se encontra em situação delicada
partir para o ataque	atuar de maneira ousada
Pendurar as chuteiras	aposentar-se, abandonar as atividades profissionais
pisar na bola	praticar ato digno de reprovação

O relato de Paulo Perdigão sobre a derrota da Seleção do Brasil em 1950, na única Copa organizada no país até hoje, dá-nos mostra ainda da importância do futebol no seio social do país. O futebol consegue ser, no Brasil, o único esporte que deixa marcas tão profundas no imaginário popular – tanto na espetacularidade da vitória (vide 1970, no México) como na dramaticidade da derrota, cujo maior exemplo é a final com o Uruguai, no Maracanã, em 1950:

1 Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



*A ânsia descontrolada e irracional cedeu lugar a seu reverso, e o impulso de criatividade sucumbiu ao impulso da destrutividade: ficou a angústia de sentir que a nação tinha morrido no gramado do Maracanã, e também uma desesperança quanto à efetivação de qualquer projeto coletivo. Parecia uma facticidade, contra a qual nada há a fazer – a versão tropical do niilismo nórdico, segundo a qual a vida é uma sucessão de obstáculos até chegar a morte, a derrota final.*²⁶

E, sob esse aspecto, temos que a mobilização da torcida brasileira em torno dos jogos das Copas do Mundo atesta bem a aproximação entre futebol e cultura popular em nosso país. Em 1962, o *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, referia-se assim aos dias de jogos da Seleção Brasileira:

*O que se diz... Que verdadeiramente o Brasil é o país do futebol e do carnaval... Que quem duvidar disso pode muito bem ter certeza agora com as transmissões da Copa do Mundo que o Rio, pelo menos, parou inteiramente para escutar o jogo... Que até nos bancos tinha rádio alto ouvindo o jogo e se podia muito bem entrar, ir lá dentro no cofre, e sair tranqüilamente...*²⁷

Para a imprensa brasileira, as conquistas brasileiras no futebol sempre foram alçadas à condição de tema importante e merecedoras de destaque, especialmente nos jornais de apelo mais popular. Quando a Seleção Brasileira conquistou a Copa do Chile, em 1962, a *Última Hora* na segunda-feira (18/06/62), um dia após a decisão contra a Tchecoslováquia, estampava as seguintes manchetes na primeira página: “‘Taça do Mundo’ é nossa mais 4 anos” – “Povo canta a vitória final nos 4 cantos do país:

²⁶ Paulo Perdigão, *Anatomia de uma derrota*, p. 29.

²⁷ *Diário de Notícias*, 02/06/62, p. 7, Segunda Seção.



‘Mesmo sem arroz e feijão, o Brasil é Bicampeão!’” Diante de tudo isso, observa-se que o meio impresso, diante da concorrência acirrada dos grandes conglomerados empresariais, não poderia mais ignorar a força do esporte, especialmente a mobilização econômica advinda com o mercado publicitário em épocas de Copa do Mundo, algo que se intensificou mais acentuadamente em 1994, ano do Mundial dos EUA. Por essa época, a *Folha de S. Paulo*, em análise de seu ombudsman, refletia bem essa nova postura dos jornais diante da nova realidade imposta pelo futebol:

*O esporte ele mesmo mudou, e nunca influenciou tanto o comportamento, nem criou tantos ídolos, nem lançou tantas modas, nem movimentou tanto dinheiro (o que, em jornal, também significa anúncios) como nos últimos anos.*²⁸

É dessa maneira que o esporte passa a ocupar, timidamente no início, as páginas dos principais diários brasileiros – primeiramente sem especialização dos jornalistas, que atuavam de maneira totalmente amadora. Mas não tardaria para que as seções esportivas ganhassem cada vez mais espaço, a ponto de se tornarem, no final do século XX, o alvo de maiores patrocínios dentro do jornal nas épocas de Copas do Mundo.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo, Pensamento, 1992.

DA MATTA, Roberto *et alii*. *Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

²⁸ Junia Nogueira de Sá, “A hora da virada”, *Folha de S. Paulo*, 20/07/94, p. 6.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa, Edições 70, 1989.

ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa, Edições 70, 1989.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo, Perspectiva, 1996.

LÉVI STRAUSS, Claude. “A estrutura dos mitos”. in *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

MAGNANE, Georges. *Sociologia do poder*. São Paulo, Perspectiva, 1969.

REVISTA USP – *Dossiê futebol*. São Paulo, trimestral, nº 22, jun-ago.1994.